



V SEMINÁRIO LEITURA DE IMAGENS PARA A EDUCAÇÃO: MÚLTIPLAS MÍDIAS

OLHOS QUE ABREM RITOS DE INICIAÇÃO: 1. CONTÁGIO POR PAIXÃO

Fabiola Cirimbelli Búrigo Costa
Colégio de Aplicação - UFSC¹

Resumo

O presente artigo apresenta uma experiência de leitura de imagem vivenciada na disciplina *Leitura de Imagens na Educação* do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/ PPGAV, CEART - UDESC, ministrada pela professora Sandra Regina Ramalho e Oliveira. Os aportes teóricos da Semiótica Greimasiana, Discursiva ou Visual fundamentaram a realização do presente estudo. A experiência foi realizada com o objetivo de vivenciar um processo de leitura de imagem com o foco na Arte Infantil.

Palavras-chave: Semiótica Visual - Leitura de Imagem - Arte Infantil.

¹ Especialista em Arte-Educação pela UDESC, Mestre em Psicologia pela UFSC. Professora de Artes Visuais do Colégio de Aplicação da UFSC, atuando no Ensino Fundamental e Médio.



Figura 1 - Imagem: "O caminho da cobra"
Autores: Ailton, Beatriz e Gabriel²
Fonte: Arquivo de Imagens do Espaço Estético CA - UFSC.

Ei, Psiu!

Olhe pra mim, você está me vendo?

Estou aqui. Aqui, nesta imagem de fundo azul, olhe bem!

Não! Seus olhos estão no centro. Não estou aí! Olhe mais, percorra a imagem com o olhar, você vai me encontrar.

Puxa! Seus olhos adentram a imagem, entram por cima, pela esquerda, percorrem a área retangular e voltam para o centro, por que será? Desta maneira você não vai me encontrar!

Tente novamente. Isto! Você está se aproximando, me viu! Ei, estou aqui! Passou por mim novamente. Fixou seus olhos em mim por segundos, porém, continuou.

² Composição realizada em grupo por alunos do 4º Ano do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação da UFSC, nas aulas de Arte, sob a proposição da professora Fabíola Cirimbelli Búrigo Costa. Exposta na exposição: *Nós, Martinho e Rodrigo de Haro*, que aconteceu no Espaço Estético do Colégio de Aplicação da UFSC de 26 de abril a 19 de maio de 2012.

Seus olhos percorrem a imagem, reconhecem formas, linhas, cores, mas continuam intrigados, voltam para o centro e se fixam ali.

Entram na superfície triangular branca, brincam com as linhas. Cobras? Minhocas? Vermes? Indagam se são princípio ou fim!

Sobem para cor laranja, brincam de equilibristas descendo por elas e resolvem sentar-se, pensando como seria bom, não fosse a interrupção dos vértices triangulares sobrepostos às delicadas curvas laranja, balançar-se de um lado para o outro, misturando-se à chama viva do vermelho, princípio da vida.

Seus olhos voltam-se para o interior, escorregando pelas superfícies diagonais amarelas e encontram-se no vértice triangular. Deste ponto, retornam juntos para cima e apreciam a beleza de se deixar levar pela ludicidade das linhas, formas e planos, saboreando as cores. Parecem sentir vontade de perseguir a serpente tricolor e continuar a brincadeira de escorregar pelo tubo, porém, ainda sentem que não é o momento.

Observam! Percorrem o triângulo, seguem a indicação da seta para baixo e, olhando para um lado e para o outro, fixam-se nos losângulos vazados, orifícios que permitem ser atravessados pelo azul do fundo.



Figura 2 - Imagem: "O caminho da cobra"

Autores: Ailton, Beatriz e Gabriel

Fonte: Arquivo de Imagens do Espaço Estético CA - UFSC.

Apesar de parecerem querer mergulhar no azul e perderem-se no infinito, no vazio de ar, no vazio de água, passando como Alice para o outro lado do espelho, seus olhos saem do caminho da divagação, do caminho do sonho, da imaginação e voltam-se para o quadrado, o intelecto.

O que está te intrigando? O que acontece com seu olhar?

Pela expressão de seus olhos, interrogações ininterruptas aparecem em sua cabeça, seguidas de exclamações. Sinto que seu coração bate forte, quase consigo sentir a pulsação, um ritmo que acompanha o olhar. Você está inteiro nesta imagem. Seu olhar é intenso e brilhante. Curioso, divaga e persegue, num ritmo intenso. O que quer encontrar? Algum elo perdido?

Eu queria apenas que você me observasse, queria poder dialogar com você!

Você adentrou a imagem, mas ainda não sou seu interesse. Tudo bem, estou gostando de acompanhar seu olhar. Vá fundo, penetre no que lhe interessa, persiga sua ideia, desvende seus mistérios. Perceba as relações e busque sentidos.

Seria esta a dimensão estética da qual falava o amigo Greimas, "Poder falar de paixão", "apreender a paixão enquanto tal, devolvida ao sentir"; o que é experimentado, vivido, sentido; um sujeito apaixonado; uma certa forma de contágio, de estar-junto, um "sentido *sentido*" onde sujeito e objeto são parceiros implicados na construção de sentidos.

Você escutou o que falei?! Por um momento me pareceu estarmos em sintonia.

O quadrado. Seu olhar está fixo no quadrado. Você busca sentido para ele na cultura: uma figura antidinâmica; simboliza a parada, o instante antecipadamente retido; o cosmo, os quatro elementos: terra, água, fogo e ar; o universo criado em oposição ao incriado e ao criador. É a antítese do transcendente.

Porém, não é qualquer quadrado; é um quadrado vermelho, cor do sangue, cor da vida; estão nele contidas também as cores amarelo e laranja. Cores quentes que remetem ao fogo e suas labaredas incandescentes de luz, chama de vida.

Cor do amor.

Incita a ação, a força impulsiva da juventude. Estimula o desejo, a transgressão, as pulsões sexuais, a libido, a orgia e a liberdade.

Cor da alma e do coração.

O lugar da batalha - ou da dialética - entre céu e inferno. Sagrado e profano. Sagrado e secreto. O mistério vital escondido no fundo das trevas. O fogo central do homem e da terra.

Incrível! parece estarmos vivendo uma interação "por contágio". Seus olhos pulsam em mim e já não sei mais se é você ou eu quem está pensando. De tanto conviver com seus olhos, passei a parecer com você, ou você passou a parecer comigo?! Formamos o par - "actante dual" da semiótica do sensível de Landowski?! Quem sabe a "obra comum que representa seu perfeito ajustamento estésico". "Corpos-sujeitos ao mesmo tempo autônomos e unidos por movimentos potenciais".



Figura 3 - Imagem: "O caminho da cobra"

Autores: Ailton, Beatriz e Gabriel

Fonte: Arquivo de Imagens do Espaço Estético CA - UFSC.

Seguimos no movimento da dança, nesse encontro de criação de sentidos.

Vejo seus olhos apertarem e, não por acaso, parei para brincar com o par.

No vermelho descobrimos o ventre, onde morte e vida se transmutam uma na outra.

Intrigávamos ver a cabeça de touro que insistia em aparecer aos nossos olhos evocando "o macho impetuoso, o terrível Minotauro guardião do labirinto". Pairava no centro a ideia de irresistível força e arrebatamento. O touro, símbolo da força criadora, cujo sêmen abundante fertiliza a terra. Não poderíamos matar esse animal interior, paixão animal primitiva, matéria prima da substância inicial, terra maternal, sem antes vivenciá-la.

Da mesma forma, intrigava-nos que, ao mesmo tempo em que víamos o touro, víamos a morfologia do aparelho sexual feminino, as trompas de falópio, o útero, o par - masculino em preto e feminino em vermelho, como que submergindo e imergindo a massa branca.

Branco: cor de passagem, dos ritos que operam as mutações do ser: morte e ressurreição.

Nossos olhos sobressaltam-se pelo impedimento da passagem visual do útero, mas a imagem do touro de cabeça-seta indica-nos olhar para os orifícios de onde bufa: orifícios vazados losangulares, símbolo feminino que representa a vulva, matriz da vida.

Seus olhos se movem, saem do quadrado. Acompanho com os meus.

Parecem querer descansar de tanta percepção e associação. Percorrem as extremidades da imagem através das minúsculas bandeirinhas de São João. Alegram-se, brincam com nostalgia e pulsam com o olhar da infância: bandeira rosa, bandeira branca, bandeira vermelha, bandeira laranja. Ultrapassam os obstáculos de retas e curvas e continuam saltitando da direita para esquerda: bandeira branca, bandeira rosa, bandeira branca e bandeira laranja.

Quase começo a cantarolar com o ritmo que criado, mas automaticamente você relembra com saudosismo as festas juninas que vivenciou, as fogueiras de São João, os vestidos de prendas e seu rosto com bochechas avermelhadas, salpicadas de pontinhos pretos, querendo parecer sardas.

As bandeiras te remetem a Volpi. Você sobressalta do olhar interior e retorna para a imagem. Observa que as bandeirinhas estão com as pontas viradas para cima e percebe que o triângulo amarelo e branco, apontando como seta para baixo, desnuda também a bandeira vermelha com as pontas indicadas para cima. A grande seta volta-se para baixo e tudo se encaixa, como a peça do quebra-cabeça que faltava. Novos sentidos potencializam-nos.

A confluência, a volta à unidade depois da separação, a síntese depois da distinção, a junção do céu e da terra, a superação de um complexo inibidor.

Você percebe o sorriso maroto da forma circular humanizada em rosa, provinda da cor vermelha. Uma lua? Um sol? Um corpo celestial? O *smile*, diriam os jovens, ou talvez, um capeta com longos chifres, diriam as crianças. O símbolo da unidade. O princípio e o fim. O ponto expandido que inclui Deus e a criação.

Talvez essa forma esteja ali, próxima ao quadrado, para indicar um movimento de mudança, para que nos percebamos como sujeitos de uma passagem a realizar. A passagem do terrestre para o celeste transcendente?! O tempo e a eternidade... Será?!



Figura 4 - Imagem: "O caminho da cobra"

Autores: Ailton, Beatriz e Gabriel

Fonte: Arquivo de Imagens do Espaço Estético CA - UFSC.

Nosso olhar interrogativo se esvai ao seguir o rastro da serpente. Serpenteamos suas curvas vagando pelo vermelho da terra, dia; pelo preto do céu, noite e revigoramo-nos na alvorada do branco, o qual nos transborda de possibilidades vivas e de plena alegria juvenil.

Perseguimos o rastro da serpente visível, buscando encontrar a abertura escura, fenda ou rachadura, por onde esta saiu, por querer cumprir seu ritual de cuspir morte ou vida.

Quem sabe foi pelo losango, sussurrei. Não seria ele uma das portas dos mundos subterrâneos? A passagem iniciatória para o ventre do mundo?

Seu olhar num movimento de sobe e desce pareceu contatar os vértices do losango, concordando com os contatos entre o céu e a terra, ou a união de dois sexos.

Nos devaneios libertos por puro prazer, esbarramos com a cabeça do lobo-loba, chacal, ou cão selvagem, que aparece diante de nós, mas não se constitui como um obstáculo. Tomamo-lo junto, como irmão, e ele, conhecendo a ordem da floresta, compartilhou conosco sua vida.

Ao percebermos que estávamos retornando ao centro, e estaríamos presos ao cordão umbilical, pulamos como faz a serpente, brincando com os opostos de fêmea e macho. Voltamos a escorregar pela poesia e pela arte, a estar junto à serpente na tentativa de recuperar a harmonia e liberdade, as fontes de vida e da imaginação, o vivificante, o princípio da vida.

Puxa! Cansei! Esta abertura dos olhos rendeu horas e parece não ter fim. Perdemos a noção de tempo nesta abertura ao conhecimento!

Estivemos juntos este tempo todo e ainda não sei quem você é.

Espera! Estava absorto na obra, mas pareço me lembrar de você me chamando, dizendo que estava na imagem também.

Quem é você?

Sou um dos autores da obra. Nós a realizamos em conjunto, em grupo, como falam na escola, mas nem todos possuem este olhar e acredito que poucos tiveram a oportunidade de vivenciar este tipo de experiência. Deixei-me conduzir por seu olhar e acabei descobrindo muitas coisas.

Gostei de conhecer você, mas, antes de sair, me diga: afinal, isto é Arte?

É expressão! É cultura! É linguagem, comunicação. É cognição e sensação, intuição, percepção, razão, conhecimento, desejo de socialização e mostra da produção.

É constituída por elementos visuais, compositivos, plásticos; implica materiais e estilo artístico.

É uma linguagem. Oportuniza leituras. Implica um instrumental conceitual e procedimental. Oportuniza efeitos de sentidos e de significados, leitura de semi-símbolos e símbolos, envolvendo polissemia de receptores, leitores.

É criação e tem autoria.

Então é arte! Mas, se não é Arte, o que é?

Só não é arte porque é feita por crianças?

Criança não pode ter a intenção de fazer arte? Ela experimenta; vivencia a experiência estética; a estesia, não a anestesia; mostra estar viva sem precisar "fratura, quebra, ruptura".

Arte é coisa apenas de adultos? Será?!

A alfabetização, para muitos, inicia na infância e seguimos com ela ao longo da vida, diria Paulo Freire.

E a arte? Inicia apenas na vida adulta? E a alfabetização estético-artística é de mentirinha na infância? Tem produção, contexto e leitura, mas não pode ser Arte.

Seus olhos não me respondem.

Espera aí, talvez seja preciso pensar, sentir:

De que Arte estamos falando?

De que lugar falamos?

Para quem falamos?

Com que intenção falamos?

Ei, psiu! Falo com você...

Para você, isto é Arte?

Referências

LANDOWSKI, Erick. **Para uma semiótica do Sensível**. Educação & Realidade. Porto Alegre: 30(2), jul/dez, 2005, pp. 93-106.

_____. **Aquém ou além das estratégias, a presença contagiosa**. São Paulo: Edições CPS. Documentos de estudo, n.3, 2005.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

RAMALHO E OLIVEIRA, Sandra Regina. **Imagem também se lê**. São Paulo: Rosari, 2009.

_____. **Disciplina: Leitura de Imagens na Educação** - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/ PPGAV, CEART - UDESC: mar/mai, 2012.